

suscetibilidade, o voriconazol é uma opção terapêutica promissora para o tratamento.

Palavras-chave: *Scedosporium apiospermum*, Imunossupressores, Artrite reumatoide Bursite fúngica, Hialohifomicose

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103323>

INFECÇÕES RELACIONADAS À ASSISTÊNCIA À SAÚDE

ANÁLISE DOS CUSTOS POR INTERNAÇÃO DE PACIENTES COM SEPSE NO BRASIL DE 2011 A 2020

Layane Oliveira da Silva*, Isabela Silva Slongo, Gabriel Oliveira Schindler Coutinho, Priscila Hipólito Silva Reis

Centro Univertário UniFTC, Itabuna, BA, Brasil

Introdução/objetivo: A sepse é uma condição médica grave e potencialmente fatal, caracterizada por uma resposta desregulada do organismo a uma infecção. Compreender os custos envolvidos na internação desses pacientes é fundamental para melhorar a gestão dos recursos e o planejamento de políticas de saúde eficientes. O objetivo deste estudo é analisar os custos relacionados à internação de pacientes com sepse no Brasil durante o período de 2011 a 2020.

Métodos: Trata-se de um estudo observacional e retrospectivo descritivo acerca da análise de custos das internações por sepse no Brasil entre 2011 e 2020. Foram utilizados dados do Sistema de Informações Hospitalares (SIH/DATASUS), com as variáveis: região, caráter de atendimento e valor total. Dispensa-se apreciação pelo Comitê de Ética em Pesquisa por terem sido utilizados dados públicos e gratuitos, sem identificação dos participantes.

Resultados: Entre 2011 a 2020 foram registrados um total de 1.092.354 de internações por septicemia no Brasil, sendo a maioria na região Sudeste, com 563.982 casos (51,1%), seguido do Nordeste, com 216.007 (20,4%), Sul com 206.306 (17,4%), Norte com 57.606 (6,9%) e, Centro-oeste, com 48.453 (4,0%). Nesse período, foram gastos R\$ 3.917.479.007,05 na internação dos pacientes com a doença, sendo o ano de 2019 o ano com mais custos (26,8%; n=522.385.811,92) e 2011 o ano com menos custos (23%; n=240.333.374,13). Havia uma tendência de crescimento de 2011 até 2019, quando foi observada uma queda em 2020 (465.220.605,73). No que tange às macro-regiões, há uma predominância de custos no Sudeste (47,8%, n=2.142.322.870), seguido pelo Nordeste (19,8%, n=726.211.330,23), Sul (17,5%, n=685.709.031,45), Norte (4%, n=183.354.018,28) e, Centro-Oeste (10,6%, n=179.881.757,03).

Conclusão: A análise revelou uma tendência de crescimento nos gastos com sepse ao longo dos anos, com uma queda em 2020 possivelmente relacionada à pandemia de COVID-19. A região Sudeste apresentou os maiores custos, seguida pelo Nordeste e Sul. Esses resultados destacam a necessidade de estratégias eficazes de prevenção e gestão da sepse, visando à redução dos custos e à melhoria dos resultados clínicos. A implementação de protocolos de tratamento e ações de conscientização podem desempenhar um papel crucial na mitigação do impacto financeiro da sepse e no aprimoramento do sistema de saúde como um todo.

Palavras-chave: Sepse, Hospitalização, Análise de custos

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103324>

ADESÃO A PRÁTICA DE HIGIENIZAÇÃO DAS MÃOS PELOS PROFISSIONAIS DE UMA UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA DE UM HOSPITAL UNIVERSITÁRIO

Victor Nei Vasconcelos Monteiro*,
Virginia Menezes Coutinho,
Fernanda Lopes de Albuquerque Rodrigues,
Danylo César Correia Palmeira,
Kledaldo Oliveira de Lima,
Andréza Cavalcanti Correia Gomes,
Claudia Fernanda Azevedo Braga Albuquerque,
Guilherme Antonio Lima de Oliveira,
Josilene Cabral Coutinho Suassuna,
Polyanna de Souza Barros Oliveira,
Paulo Cezar Vidal Carneiro de Albuquerque,
Maria do Carmo Juliano,
Rafaela Queiroz Ferreira Barros

Hospital das Clínicas, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, PE, Brasil

Introdução/Objetivo: As Infecções Relacionadas à Assistência à Saúde (IRAS) seguem sendo um problema de saúde pública, associado a desfechos negativos aos pacientes acometidos. O aumento no tempo de internação, na mortalidade e o impacto financeiro são consequências relacionadas às IRAS. A higienização das mãos, considerada a primeira barreira contra essas infecções, precisa ter uma maior atenção dos profissionais de saúde, pois as dificuldades encontradas para a implementação desta prática são inúmeras, como resistência por parte dos profissionais, falta de dispensadores de álcool, número adequado de lavatórios, entre outros. Este trabalho objetiva identificar a adesão a prática de higienização das mãos pelos profissionais de saúde que trabalham em unidades de terapia intensiva de um hospital universitário em Pernambuco no ano de 2021.

Metodologia: Estudo transversal, retrospectivo e quantitativo. Os dados foram originados das fichas de monitoramento de higienização das mãos da Comissão de Controle de Infecção Relacionadas à Assistência à Saúde (CCIRAS) da instituição, referentes aos meses de janeiro à dezembro de 2021. Os momentos de higienização das mãos analisados foram: antes do contato com um paciente; antes da realização de procedimentos assépticos; após o contato com um paciente; após o risco de exposição a fluidos corporais; e após o contato com áreas próximas ao paciente.

Resultados: Foi possível observar 1.092 oportunidades de higienização das mãos durante o ano de 2021. A taxa de adesão ao protocolo foi de 74%, tendo uma variação entre 60% e 86% entre as taxas mensais. Com relação aos 5 momentos, o “após o contato com o paciente” foi o que obteve o maior percentual de adesão, sendo de 82%. O menor foi o momento “Antes do contato com o paciente” com 55%. Isso pode demonstrar a preocupação do profissional em si proteger, realizando a higienização das mãos. Em contrapartida, o paciente, foco da assistência à saúde, possivelmente foi mais exposto